

ATORES DA EXTENSÃO: PARCERIAS E CONHECIMENTOS EM CONSTRUÇÃO

MARIA ANTÔNIA DE SOUZA¹

O objetivo deste artigo é refletir sobre a produção do conhecimento, os atores envolvidos nos processos extensionistas e a construção de parcerias, que tem sido uma das ênfases dos governos locais e do nacional. Há que se destacar que as políticas de parcerias vinculam-se à idéia de incentivar a participação da sociedade em projetos ou políticas públicas, que até então eram funções do Estado. As parcerias estão inseridas no conjunto dos procedimentos de descentralização dos governos, o que culmina na participação da sociedade civil enquanto proponente e executora de projetos.

Um primeiro esclarecimento faz-se necessário a respeito do próprio termo extensão, ou seja, quais são os sentidos da extensão universitária? Quais as concepções teórico-metodológicas presentes quando se fala em extensão? Quais os atores envolvidos em processos extensionistas? A extensão ainda é permeada por significados tais como prestação de serviços, transmissão de conhecimento, doação, messianismo, invasão cultural, mecanicismo. Enfim, como dizia FREIRE, há pelo menos três décadas os termos que envolvem a extensão transformam o homem "... em quase coisa, o negam como um ser de transformação do mundo (...)

além de negar a formação e a constituição do conhecimento autênticos e de negar a ação e a reflexão verdadeiras àqueles que são objetos de tais ações" (1). Ou seja, uma concepção dicotômica entre teoria e prática, entre sujeito extensionista e sujeito da ação ou "objeto da ação". A extensão universitária é mais que uma prestação de serviços ou doações; é construção de conhecimentos que ocorre num espaço privilegiado de relações. Qual é o sentido de espaço privilegiado? É justamente a relação entre pesquisador, que supõe-se que seja o extensionista, e a comunidade envolvida no processo. A comunidade não tem o sentido de mera receptora, mas de participante, proponente e reivindicadora da ação educativa, que supõe-se seja a extensão universitária da qual estamos falando.

Estamos num contexto de "globalizações", de sociedade em rede (2) e, ao mesmo tempo, de grandes desigualdades sociais, de injustiças, de situação precária de saúde, educação, entre inúmeros outros itens enquadrados no que chamamos de "condições sociais". Neste contexto, qual tem sido o papel da extensão e quais os atores nela envolvidos? Podemos falar pela área educacional da qual temos participado em projetos de extensão, pois estamos sendo chamados, ainda(3) no ano 2000,

a atuar em projetos de alfabetização de jovens e adultos. A universidade tem atuado em projetos do tipo "Comunidade Solidária" e também do tipo "Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária". O primeiro está imbuído da idéia de distanciamento, pois grupos de professores de universidades do sul do país são convidados a atuar em contextos nordestinos, por exemplo. O segundo, representa o contexto das parcerias entre governo, universidades e atores da sociedade civil, congregando projetos localizados em determinadas regiões, em que as universidades locais é que desenvolvem os projetos extensionistas, oferecendo profissionais que, na maioria dos casos, conhecem a realidade ou "comunidade sujeito" da extensão. Outro ponto a destacar é que o programa originou-se da luta de movimentos sociais, apoiados por entidades tais como a Universidade de Brasília e CPT. É um "novo" espaço de atuação extensionista universitário, ou seja, a parceria com governos e movimentos sociais e, portanto, um contexto de relações convergentes e divergentes que ao mesmo tempo contribuem para a ampliação de visão e conhecimentos dos acadêmicos e dos professores envolvidos no processo.

Ainda hoje, um dos desafios das atividades de extensão rela-

ciona-se à superação da idéia de transferência de conhecimentos ou assistencialismos a uma determinada comunidade. Em se tratando de projeto de extensão junto a movimentos sociais, há um outro desafio que é a superação do envolvimento ideológico. Não queremos com isto falar em nome da neutralidade na ação e na pesquisa, ao contrário, enfatizar processos de construção de conhecimento que vão além de meros conteúdos ideológicos, pois isto já é um dos objetivos do movimento.

No contexto universitário, os projetos de extensão objetivam relacionar os conhecimentos historicamente acumulados, o conhecimento produzido nas salas de aulas e nas pesquisas com uma determinada realidade cultural, social, econômica e política, enfim, objetivam a inserção dos acadêmicos e professores tanto nas relações micro quanto macro que permeiam o cotidiano. A inserção não tem idéia apenas de prestação de serviços, mas também da preocupação com a modificação de uma determinada situação, a partir das necessidades apresentadas pelos sujeitos de tal situação. Para além da universidade os projetos de extensão fazem parte também da dimensão das parcerias que envolvem desde Organizações Não-Governamentais, movimentos sociais, empresas entre outros atores.

O cenário político dos anos 90 tem sido permeado pela política

de parcerias entre os diversos atores da sociedade civil e destes com governos locais, estaduais e municipais. As universidades têm participado de várias parcerias e dentre elas destacam-se aquelas voltadas à temática da educação. Um exemplo de tais parcerias refere-se ao Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária, acima referido, que envolve atores tais como movimentos sociais, universidades e governo federal. O objetivo relaciona-se à educação de jovens e adultos das áreas de assentamentos rurais no Brasil. As atividades no contexto das universidades caracterizam-se pela dimensão extensionista, envolvendo acadêmicos, professores e a comunidade em questão. Assim, caracteriza-se um processo educacional que, nas palavras de FREIRE (1977, p. 69) "é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados". Poderíamos dizer que as atividades extensionistas culminam em redes sociais que produzem conhecimentos direcionados a uma determinada realidade. Ao mesmo tempo, as redes sociais são constituídas por troca de experiências entre os atores extensionistas e a comunidade, culminando num conjunto de conhecimento que permite a ampliação de visão de mundo tanto do extensionista quanto

do sujeito da comunidade. Transformações são visíveis entre jovens que participam de projetos de extensão junto às comunidades rurais com alto grau organizacional e de politização, pois alguns jovens tendem a se envolver com tais realidades, talvez por nunca terem tido experiências de participação política em movimentos sociais ou outras organizações políticas; talvez por se identificarem com o projeto político ou as temáticas de luta dos atores em questão.

Os espaços de relações sociais construídos no interior dos projetos de extensão contribuem para a ampliação de visão de mundo do acadêmico e, principalmente, o aprendizado da relação com o outro, da dimensão do ouvir os silêncios, da idéia de falar com e não para etc, concepções de um processo problematizador de educação.

A extensão pode ser entendida enquanto um espaço de construção de participações, onde, de um lado existe a dimensão organizadora e investigadora do extensionista e, de outro lado, o envolvimento da comunidade em busca de um benefício, o que ocorre em muitos projetos assistencialistas. Há o envolvimento na ótica política, com a preocupação acerca da temática da transformação social.

As parcerias em construção localizam-se num cenário político em que a sociedade civil é chamada a participar; no contexto do distanciamento do Es-

tado em relação às políticas sociais e públicas; no contexto da organização de programas com duração determinada. Enfim, o discurso presente entre governantes refere-se à contribuição que os atores locais da sociedade civil podem oferecer no atendimento a questões tidas como problemáticas.

Os conhecimentos em construção referem-se à dimensão macro e micro social, pois há possibilidade de que os acadêmicos e demais envolvidos em projetos extensionistas, de cunho educativo, ampliem sua visão de mundo e de sociedade. O envolvimento direto do extensionista com uma determinada comunidade oportuniza a construção de conhecimentos teórico-metodológicos sobre a futura profissão.

Enfim, a sociedade do conhecimento, da informatização e do analfabetismo e todas as demais precariedades sociais utiliza o trabalho extensionista com a finalidade de elaboração e divulgação de conhecimentos; envolve futuros profissionais no contexto em que poderá atuar; realiza proposições juntamente com a comunidade com a qual trabalha. Está presente a idéia de construção coletiva de conhecimento, que na sociedade informatizada parece bastante fragmentada, numa posição isolacionista ao mesmo tempo que é globalizada.

Para concluir, vale lembrar as palavras de GOHN (1999, p. 32)

de que "um dos grandes desafios contemporâneos é envolver os jovens nas atividades participativas, principalmente o tipo de jovem que pouco se interessa pela política, e pouco participa de movimentos, partidos e/ou sindicatos (...) é necessário formar pessoal especializado para que se realize a educação de um povo, em termos de formar/informar cidadãos ativos, conhecedores de seus direitos e deveres, assim como a estrutura e o funcionamento da administração pública". Neste contexto, podemos incluir a extensão universitária como espaço de desenvolvimento de atividades participativas.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - Vide Freire, obra "Extensão ou comunicação", publicada em sua primeira edição, no ano de 1969.
- 2 - Lembrando Manuel Castells e seus três volumes sobre "A era da informação: economia, sociedade e cultura", publicado pela Paz e Terra, no Brasil, 1999.
- 3 - A palavra "ainda" indica o quanto absurdo é estarmos numa sociedade em que grande parte da população é analfabeta; denota indignação com relação à exclusão social e, especificamente, escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* 10 ed. SP: Paz e Terra, 1977.
- GOHN, Maria da Glória. Orçamento público e participação popular. In: *Balço das experiências de orçamento participativo nos governos*. Fórum Nacional de participação popular nas administrações municipais; Governo do Distrito Federal, Instituto POLIS. N° 4, 1999

MARIA ANTÔNIA DE SOUZA
Doutora em Educação. Professora Adjunta do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino. Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG.